

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da
COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2022

Nº. 246

NOVEMBRO - DEZEMBRO

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A	Editorial	2
1500-487 Lisboa	Dia da Saudade	3
Telefone :	A Morte	5
217647441	Filho de Deus	6
•	Uma quadra	9
Director Responsável	A vinda do Messias	10
Manuela Vasconcelos	À Virgem Santíssima	12
	Está a findar o ano...	13
	A manjedoura	20
	A vinda de Jesus	22
	Meditações	25
	Oração do Natal	26
	Pedido a Jesus	31

EDITORIAL

Estamos a pouco menos de dois meses do Natal e, reconhecendo a “rapidez com que o Tempo passou, perguntamo-nos o que fizemos com ele e o que aproveitámos?, e, de imediato, repetimos quase soletrando a palavra N - A - T - A - L e deixamos que as recordações de outros Natais aflorem à nossa mente, recuando até àqueles anos em que a palavra significava o nascimento e chegada do Menino Jesus, que desceu à Terra por muito nos amar.

Onde está “esse” Jesus da nossa infância? Quando o perdemos ou trocámos pelo “Pai Natal” (Papai Noel) – o velhinho barrigudo, sorridente, de barbas brancas que alicia mais e mais o comércio?

Entre o Jesus Menino, que nos ensinaram a amar e aguardávamos com amor, e o Papai Noel que se festeja hoje há uma distância e diferença maiores que a que distingue o dia da noite: num, tudo é Amor; no outro, apenas o consumismo!

Responsáveis? Todos nós, que deixámos que o “Menino” se distanciasse do nosso coração e dificilmente O recordamos nos dias de hoje... mas a Criança de então, cresceu, fez-se Homem, ensinou-nos a viver e a percorrer o caminho que nos levará ao Pai e, a tornar mais firme o seu Amor por nós, afirmou que ficaria connosco até ao final dos tempos!

Então, se retribuindo essas suas palavras, tão presentes ainda hoje como quando as proferiu, nós – que voltámos atrás no Tempo, com as nossas recordações – O trouxéssemos de novo para o nosso Natal? Se festejássemos o Seu nascimento como o fazíamos antes – quando fomos, também, criança – e vivêssemos o Natal que se anuncia em companhia desse Menino Jesus que, teimosamente, nos continua a amar apesar do nosso esquecimento por Ele?

Nós vamos faze-lo, sentindo que o nosso Natal será de Paz, Luz e Amor porque Jesus – Aquele Jesus que um dia deu a vida por cada um de nós – Jesus estará de novo connosco porque terá encontrado alojamento no nosso coração!

Então, para todos, Feliz Natal com Jesus no coração!

A DIRECÇÃO

*

DIA DA SAUDADE

Os “entendidos” determinaram que o dia 2 de Novembro seria chamado de “Dia dos Finados” e, assim, dedicá-lo, não aos entes queridos de todos nós, que regressaram ao mundo espiritual mas a todos os mortos... enquanto Jesus chama de “mortos” os encarnados ignorantes da vida que continua (Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos – Lucas, 9:59), fazendo-nos lembrar que a matéria à qual estamos ligados para

lhes darmos vida, não passa de uma coisa inanimada quando seja unicamente ela só. E vamos, assim, chamando de “mortos” os entes queridos que nos precedem no regresso à Pátria de todos nós, sem percebermos que, de cada vez que chamamos “morto” a um deles o estamos a matar mais um pouco na situação que ele passou a viver. Porque a vida continua, acreditemos ou não, eles vivem talvez de uma maneira bem mais feliz que nós outros, e só se consideram “mortos” quando morreram na nossa recordação – e isto é tristemente verdade porquanto há muitas pessoas que, separadas dos seus entes queridos pela vivência diferente no mundo que habitam, os consideram como acabados para a Vida e deixam de os recordar ou, pior ainda, deixam de lhes dar a única coisa que lhes podem ofertar a partir de então: a prece singela, a desejar-lhes paz e luz!

Mas Jesus – e o drama pós-Calvário – são a prova da Vida que continua, de cada vez que Ele apareceu, fosse a Madalena, como aos apóstolos na estrada de Emaús, ou, ainda, na casa onde todos se encontravam reunidos e com as portas fechadas!

A morte não existe, nem sequer para um ateu que desperta, da mesma maneira que cada um de nós, do ‘outro lado’, verificando então, que continua a viver, a sentir e a pensar!

Deixemos, então, de “matar” os nossos entes queridos, e aceitemos, antes, a sua ausência como uma separação temporária que terminará, talvez, num encontro feliz quando chegar a nossa hora de regressarmos, também, ao mundo dos espíritos. Até lá, aprendamos a orar por todos; lembremos que Jesus afirmou que ‘Há muitas moradas na Casa do Pai e procuremos viver, na Terra, no local onde estejamos inseridos,

de maneira a merecermos, no nosso regresso, uma das boas moradas que o Pai tem para todos os seus filhos.

MANUELA VASCONCELOS

A MORTE

A bem dizer a morte não existe,
Porque só na aparência é que se morre.
Perece o corpo e a alma subsiste
Prosseguindo na senda que percorre.

Em mudança ou ausência é que consiste
A morte tão temida. E quando ocorre
Quase ninguém, quase ninguém resiste
Ao pranto amargo que da face escorre.

Vós que temeis a morte e que chorais
A partida dos entes bem-amados,
Aprendeis a abafar os vossos ais!

A morte é vida e Deus a onipotência.
Repito aos corações inconformados:
- Realmente, só se morre na aparência.

ALFREDO MIGUEL

(In: REFORMADOR, Revista espírita brasileira, da FEB,
Novembro de 1986)

FILHO DE DEUS

Alegremo-nos com a certeza da paternidade
Divina.

“Acima das nuvens, brilha o Sol”.
- JOANNA DE ÂNGELIS.

Corria – veloz – na ampulheta do Tempo, o ano de 1986... Em um de seus inúmeros e habituais périplos doutrinários pelo exterior, Divaldo Franco encontrava-se num hotel da imensa capital mexicana, afundado numa cama, febril, por conta de uma renitente virose. Seu debilitado organismo físico outra coisa ao pedia senão aquele abençoado leito! Mal tinha ânimo para abrir os olhos...

Pois não é que lá pelas tantas da madrugada lhe aparece a nobre Mentora, Joanna de Ângelis, como sempre, bem disposta para as tarefas no Bem com Jesus, e lhe diz: *“meu filho, peça lá na portaria algumas folhas de papel e vamos trabalhar.”*

Trabalhar neste estado de calamidade física?! (Pensou o médium, sem querer acreditar). *“Será que estou delirando?” “Indiferente”*, a Mentora aguardava... O médium não teve alternativa senão levantar-se, com alguns gemidos que não comoveram a Mentora), e, quando o dia, finalmente, amanheceu com um Sol exuberante, ele havia terminado de

psicografar uma das melhores obras da literatura espírita, ou seja, o livro intitulado *Filho de Deus*.

“*És Filho de Deus*”, diria a Mentora logo na introdução da obra, “*cujo amor inunda o Universo e se encontra presente nas fibras mais íntimas do teu Ser*”.

No capítulo cinco, lemos: “*(...) já te deste conta de que és o herdeiro de Deus?*”

Só então, naquele momento, o médium deu-se conta de quão bilionário era! E chegando-se à janela, sentiu-se “*o dono*” daquela metrópole imensa que se lhe antolhava, dizendo para si mesmo: “*meu Deus! Então sou Teu herdeiro? Tudo isso que estou vendo me pertence?!*” E sentiu-se a criatura mais afortunada do Universo!

Ao lermos as luminosas páginas de “*Filho de Deus*”, vamos entender por que Joanna de Ângelis escolheu exactamente aquele momento de “*déblâcle*” fisiopsicológica do médium para ditar-lhe o importante compêndio, pois ele é, na verdade, todo um portento de estímulo e força... Seu conteúdo é pura medicação para os nossos momentos de fraqueza física e/ou espiritual; ele é todo um inesgotável manancial de Vida Abundante, que oferece alento ao peregrino da evolução combatido pelas vicissitudes de percurso.

Seleccionamos, para nosso deleite, alguns conceitos exarados na introdução e no capítulo cinco, onde encontramos, entre outras coisas, o seguinte:

“ (...) Nada te deve atemorizar ou afligir demasiadamente... Tens uma fatalidade que te aguarda: a plenitude da vida! Lográ-la, de imediato ou mais tarde, dependerá do teu livre-arbítrio.

Empenha-te no sentido de conseguir êxitos nos teus empreendimentos íntimos, mesmo que a peso de sacrifícios, recordando-te que, em qualquer situação, Deus está contigo.

Este pequeno livro foi escrito nas tuas horas difíceis, os teus momentos de debilidade e de fraqueza, que, todos, de alguma forma experimentamos... Em suas páginas encontram-se oportunas directrizes, que certamente o caro leitor já conhece, mas que te recordamos, de modo a levantar-te o ânimo, impulsionando-te ao prosseguimento da luta.

São tópicos singelos, porém de vital importância, especialmente quando se está a sós, sob padecimentos insuportáveis, aparentemente sem caminho para seguir...

Deus é nosso Pai! Alegra-te com esta certeza e sê feliz. (...) Ele criou o Universo e a vida, enriqueceu a Sua Obra de sabedoria e beleza, colocando-te, por amor, como parte integrante dessas maravilhas e facultando-te fruí-las todas. Portanto, por direito natural, possuis tudo que é d’Ele, bastando somente que desenvolvas os dons em ti latentes, a fim de que possas desfrutar de toda essa opulência e grandeza.

Amado por Deus, és também herdeiro das ideias sublimes, que te proporcionam conquistar espaços, penetrar o mecanismo da vida e decifrar os enigmas desafiadores que te aguardam. Assim, o teu dever é fazeres-te receptivo ao pensamento divino em tudo e em todos presente, de modo a captá-lo e pô-lo em acção à medida que o conquistes.

Dispões de todos os bens e poderes que estão ao teu alcance. Todavia, são importantes, senão imprescindíveis para lográ-los, a confiança e a fé, bem como o esforço para desdobrares as capacidades adormecidas em ti, mediante as quais saberás usar esses tesouros com edificação e integridade.

Tudo que te falte, não é valioso, porquanto o essencial à vida é a sabedoria para conduzi-la, a fim de conseguires, não apenas coisas, senão lograres a plenitude e a abundância que o teu direito de herdeiro põe à tua disposição. Mas se permaneces na infância espiritual não podes usufruir, por não saberes utilizar, de todos os bens. Todavia, se adquires a maioridade, irás utilizando-te e felicitando-te com todos os tesouros da Criação, como filho de Deus, portanto, Seu herdeiro ditoso.”

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

Alma grande é sempre aquela
Que fita a luz na amplidão,
Sabendo o valor da vela
Na hora da escuridão.

MÁRIO DE AZEVEDO

(In ‘Paz e Alegria’, psicografia de Francisco C. Xavier).

A VINDA DO MESSIAS...

Quando pensamos no nascimento de Jesus, vêm-nos quase sempre à mente todos aqueles preparativos que, com certeza, foram feitos, para a descida do Espírito Cristo até à Terra, para viver no meio dos seus habitantes – naquela época ainda mais rudes e viciosos, com certeza, que nos dias de hoje. Uma “viagem” que Ele concordou em fazer por amor a todos nós, seus irmãos tão, mas tão imperfeitos...

Na Sua deslocação ao sistema de Sirius, conforme nos narra o Espírito Áureo, através da psicografia de Hernâni de Sant’Ana,

Ele foi convidar aquele outro Espírito, que depois, conhecemos como Maria, para descer também ela, à Terra, e ser Sua Mãe. Depois, e ainda no mesmo sistema, convidou o Espírito que fôra Abrão para ser o Seu Pai... e aqueles outros seres, que nos foram apresentados como pescadores, simples e humildes e quase analfabetos, foram os Apóstolos, os seus companheiros no “espalhar” da semente do conhecimento, que se fizeram, aos nossos olhos, de aprendizes das suas máximas, que depois transmitiram a todos os que os quiseram ou procuraram escutar.

Que tarefa imensa, que trabalho insano para tão pouco tempo na Terra, mas numa missão que, até hoje, ainda continua a dar os seus frutos! (É certo que a tarefa deles, em relação ao HOJE, está mais dificultada pelas ‘inteligências desenvolvidas’ de quem pensa que, para lá da vida terrena nada mais existe... e a fé, aquela mesma fé que Jesus referiu que bastava ser do tamanho de um grão de mostarda, parece que cada vez se esconde mais, não percebemos se por vergonha de se mostrar

aos olhos dos homens, se pela revolta criada pelos revezes de cada existência e da maneira como cada um vive!).

E para Ele vir, ali estava Maria, que mais tarde Ele nos deu como Mãe de todos nós... Maria, Mulher simples, humilde, dedicada, com virtudes tais que Inácio de Larrañaga, bispo espanhol católico, já desencarnado, autor do livro “O Silêncio de Maria”, afirma na sua obra que as suas virtudes eram tais que o Filho, no Sermão da Montanha, baseia cada uma das bem-aventuranças naquilo que reconhece ser a Mãe... Assim sendo, na missão do Filho, a Mãe também está incluída.

Então, quando Ele pergunta para quem o rodeia, e que lhe vai anunciar a chegada da Mãe, que o procura, “Quem é minha Mãe?...”, Ele remata, de imediato, aproveitando, ainda – quanto a nós – aquilo que Ele sabe ser a Mãe, para dizer que “(...) todo aquele que faz a vontade de meu Pai, esse é meu irmão, minha irmã, minha Mãe!”

Maria, Mulher simples, humilde, que não exige para si o lugar de Mãe de Jesus, quando Ele começa a Sua missão, mas que O segue, misturada com o povo, talvez no final de qualquer dos grupos que sempre O segue, porque “Ele não lhe pertence, e ela já O teve, quando Ele foi Menino”. E é Ela, incentivando os apóstolos “que ficaram órfãos”, que os incita a continuarem a missão de Jesus, e o faz também, na casa de Éfeso onde passa a viver, transmitindo para os caminhantes e doentes que abriga, tudo o que escutou dos ensinamentos do Filho...

Para Jesus nascer, teve que existir Maria...

MANUELA V.

À VIRGEM SANTÍSSIMA

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

ANTERO DE QUENTAL

(In: POESIAS COMPLETAS, Lisboa, 2005).

ESTÁ A FINDAR O ANO...

Está a findar o ano. Mais um período desses que os homens criaram para rememorar factos e sentimentos, vai entrar na ordem das coisas saudosas.

No começo dele defendi este singular costume humano; mostrei-me adepto do hábito imemoriável de singular por datas, como os romanos faziam por pedras, os acontecimentos que saem fora da vulgaridade comum, tanto na vida do homem como na vida das sociedades e do mundo.

É verdade que o dia de amanhã será sensivelmente igual ao de hoje, e que, perante as pessoas práticas, não traz, na ordem subjectiva, coisa que mereça o sacrifício mental de criar mais uma recordação para um lapso de tempo, automaticamente encerrado, e abrir uma aspiração para outro lapso de tempo, que automaticamente se inicia, arrancado ao bloco da eternidade.

Há quem diga que o homem, fixando épocas, pretendeu emendar a obra do Criador, querendo estabelecer a desigualdade onde Ele determinou a uniformidade.

Não é bem assim. Deus em coisa alguma criou a uniformidade senão nas leis por que se rege o Universo. E são uniformes porque têm um princípio imutável em que assentam, conquanto a lei que rege um facto seja desigual da que rege outro.

Iguais na imutabilidade somente. No restante, como em todas as outras coisas do Universo, existe a desigualdade absoluta.

É a mesma igualdade que existe na lei que rege o princípio de vida. É tudo igual em nascer, é tudo igual em morrer. Dentro destes polos a desigualdade é completa.

Não há duas flores, não há dois sentimentos, não há duas criaturas de inteira semelhança. Ora, o homem, convencionando períodos, aproximadamente iguais entre si, que lhe marquem na

reminiscência factos e ideias, que sem eles cairiam no olvido ou na confusão, não fez mais que imitar o Criador.

Os anos, no seu período astronómico, englobam todas as coisas, boas ou más que dentro de si ocorreram; e, no fim de cada um, o homem põe-lhe uma referência numeral, e guarda-o na sua memória. Não é uma convenção arbitrária e luxuosa. É antes a satisfação a uma necessidade de outra forma irremediável, criada pela civilização.

Se há quem dela se aproveite para festas e saudades, para risos e lágrimas, também há quem a utilize para as exigências práticas do Deve e Haver.

Estes, que aproveitam da vida a sua feição concreta, para sugarem dela todo o produto útil, como as abelhas sugam das flores a parte útil para uso da sua colmeia, não desdenham os períodos fixos em que se vencem letras, em que recebem os seus rendimentos, em que impõem ou se desoneram de obrigações; e não riem, em desdenhoso desprezo, do período astronómico em que o convencionalismo resolve voltar as costas ao período anual esgotado, ao fecharem os seus balanços e ao arrumarem as suas escriturações.

E não há nada mais prosaico, creio eu, do que estas comerciais operações.

Queixam-se contra o convencionalismo. Chamam-lhe cárcere estreito, onde o homem se debate, como a avezita na armadilha, ou a mosca na teia de aranha.

Não sei se têm grande razão nos seus clamores.

A meu ver, o convencionalismo é uma manifestação da inteligência e do interesse colectivo. Existe até, como raciocinada deliberação, nos animais inferiores. É o produto do saber e do querer, longamente adquirido. É filho do hábito, e o hábito é a sequência das coisas semelhantes, conduzidas do modo que se supõe melhor.

O carreiro da formiga, a estrada do homem, o trilho do leão nas selvas, é tudo convencionalismo. É o meio mais cómodo de chegarem a um fim.

Estabeleceu o homem regras em que voluntariamente se comprime? Ainda bem. A civilização terrena e a perfeição eterna, não se podem atingir na liberdade sem limites.

A liberdade absoluta leva o homem à animalidade; e da animalidade saiu ele, pelas restrições que foi estabelecendo a si próprio à medida que se distanciava das feras. É o convencionalismo, como manifestação civilizadora, que distingue o homem ilustrado do ignorante, o civilizado do bárbaro, o bom do mau.

A convenção, que lhe impõe respeito, também lhe imprime autoridade.

Chamem-lhe o que quiserem; mas o facto que o convencionalismo traduz, é que não pode deixar de existir, porque representa a satisfação a uma necessidade natural.

Será um tecido de futilidade e bagatela, como lhe chamou o Eça, será; mas se não querem que seja de tão mesquinho fio,

escolha o homem melhor fibra de que teça a rede que lhe contenha os maus instintos, tão prontos a aparecerem à mais leve arranhadura, para o manter no honroso lugar, que lhe foi distribuído na escala da criação.

Querer romper esse tecido, para livremente se espalharem pelas regiões que a liberdade não limita, é romper uma jaula de feras bravias à beira de um povoado, ou abrir um dique que represe águas que podem ser sábia e utilmente aproveitadas, ocasionando, com a livre invasão, o arrasamento de tudo.

Há, incontestavelmente, muita coisa banal ou má no convencionalismo em que aí se vive; mas em vez de se atacar a instituição nos seus fundamentos, procure-se antes reformar ou suprimir o que ela tenha de condenável, e substituí-lo por novos preceitos, nascidos do saber, da prudência e do aperfeiçoamento humano.

No convencionalismo está a segurança da paz e da ordem; a pureza no amor; a equidade na liberdade; o trabalho na ciência; a civilização, enfim.

Haverá alguém, que, se para tanto tivesse poder, destruísse de um só golpe o cofre que tantas preciosidades encerra?

As épocas, as datas, não são um produto da convenção. São, antes, as formas representativas de uma necessidade. Devem ter aparecido naturalmente ao homem no momento em que ele precisou fixar, rememorar, alguma coisa de modo inconfundível e imperecível.

Não representam ideias fúteis, antes significam conquistas da superior inteligência humana.

Os animais inferiores não carecem de datas, porque o progresso para eles não existe.

Encontram-se hoje, na sua vida intrinsecamente animal, como se encontravam há muitos séculos; e caminharão eternamente na livre fruição de um estado liberto de preconceitos mas isento de perfeição e destituído de grandeza.

Meu querido amigo. O ano vai findar aí.

Para muitos é ele mais uma flor desfolhada na campo das suas ilusões; e para poucos terá representado a satisfação de alguma aspiração realizada.

O tempo, que não pára, deixa cair, no regaço do mundo, mais uma escama da sua epiderme, onde cada um gravará o que de agradável ou de desagradável encontrou, no curto espaço que percorreu de um de Janeiro até hoje.

Nessa migalha pequeníssima, átomo insignificante da Eternidade, que de coisas se imprimirão!

Cada individualidade, de per si, marcará saquelas que a fizeram gozar ou sofrer. Saudades de pessoas que lhe desapareceram, de afetos que findaram, de ligações que se partiram!...

Todos terão pontos da sua vida que sinalar. Coisas boas de que se sente falta, coisas más de que se rejubila pela ausência. Dores que terminaram, dores que começaram.

Sentimentos que raiaram como auroras; sentimentos que passaram como rajadas; sentimentos que feneceram como noites de Agosto, deixando no seu rasto claridades de luar e cantos de rouxinóis, ou se desfizeram como noites escuras e trovoentas de Dezembro aspérrimo.

Todos terão que burilar nesse pequenino fragmento do Todo O Sempre, uma palavra que diga gratidão, que diga amor, que diga pesar, que diga sofrer, que diga morte! Uns verão através dela um bem que se perdeu, outros um bem que se encontrou; uns, um mal que começou, outros um mal de que se libertaram; uns, um ente querido que adejou para as regiões do mistério, outros um ente adorado, que, entre beijos e carícias, iniciou a carreira tormentosa e triste da vida aí.

Para quantos foi ele “manhã de flores” e para quantos “noites de horrores”, como disse o poeta!

Mas o que não há é alguém para quem o tempo passasse como para os sete dormentes do conto.

Se cada pessoa insculpe uma recordação própria, cada família, cada povo, cada civilização, o mundo inteiro, insculpirá as suas notas, as suas recordações, que lhes ficam a sinalar a existência, e o seu modo de ser no momento histórico em que se encontram.

E, como cada individualidade humana, cada uma daquelas individualidades morais e sociais, terá de inscrever fastos

luminosos e coisas enegrecidas, dias de glória e dias de pavor; ideias suaves e tranquilas como brisas do outono, e manifestações negras e destruidoras como temporais.

Tudo isso se balanceia, tudo isso se rememora hoje.

Nem só os argentários encerram hoje os seus livros. Os miseráveis também o fecham, selando-o com uma lágrima de desespero, e, quem sabe, quantos com contorções de fome; e abrem nova página do livro negro da sua vida, ansiosos, esperançados de que nela venha uma palavra de conforto, ou uma carícia do destino propício.

Para alguns, o ano que finda começa a afastar-se como caravela que parte do porto, carregada com as suas melhores ilusões ou com as mais enternecidas saudades, e que vê perder-se na linha brumosa do horizonte, através de lentes formadas pelas lágrimas que lhe marejam os olhos, e fica-lhes a alma, no deserto da praia, a olhar o azul indefinido onde ela se vai perder para sempre...

Para outros representará, talvez, a sensação da liberdade ou a esperança da terminação de um pesadelo, para – coitados! – se orgulharem de novo em pesadelo maior!

(...) Podemos acenar-lhe, do Restelo, onde os nossos espíritos se firmam, com o lenço branco da nossa saudade, ao vê-lo, no bergantim da nossa recordação, a esfumar-se, a perder-se no horizonte da vida percorrida, como as asas leves e brancas de uma pomba ideal, que se perde no infinito espaço azul da nossa fantasia.

Felizes daqueles que, como nós, deixam voejar, para longe, mais uma pétala desfolhada da sua vida, e a contemplam, com a infinita saudade dos tristes, até se perder no torvelinho das coisas indecisas e longínquas!

JÚLIO DINIZ

(In: DO PAÍS DA LUZ, volume terceiro, capítulo V. Psicografia do médium português, Fernando de Lacerda).

*

(1) - A MANJEDOURA

As comemorações do Natal conduzem-nos o entendimento à eterna lição da humildade de Jesus, no momento preciso em que a sua mensagem de amor felicitou o coração das criaturas, fazendo-nos sentir, ainda, o sabor de actualidade dos seus divinos ensinamentos.

A manjedoura foi o Caminho. A exemplificação era a Verdade. O Calvário constituía a Vida.

Sem o Caminho, o homem terrestre não atingirá os tesouros da Verdade e da Vida.

É por isso que, emaranhados no cipoal da ambição menos digna, os povos modernos, perdendo o roteiro da simplicidade cristã, desgarram-se da estrada que os conduziria à evolução definitiva, com o Evangelho do Senhor. Sem ele, que constitui

o transunto de todas as ciências espirituais, perderam-se as criaturas humanas, nos desfiladeiros escabrosos da impiedade.

Debalde, invoca-se o prestígio das religiões numerosas, que se afastaram da Religião Única, que é a Verdade ou a Exemplificação com o Cristo.

Com as doutrinas da Índia, mesmo no seio de suas filosofias mais avançadas, vemos os párias miseráveis morrendo de fome, à porta sumptuosa dos pagodes de ouro das castas privilegiadas.

Com o budismo e com o sintoísmo, temos o Japão e a China mergulhados num oceano de metralha e de sangue.

Com o Alcorão e com o judaísmo, temos as nefandas disputas da Palestina.

Com o catolicismo, que mais de perto deveria representar o pensamento evangélico, na civilização ocidental, vemos basílicas sumptuosas e frias, onde já se extinguiram quase todas as luzes da fé. Aí dentro, com os requintes da ciência sem consciência e do raciocínio sem coração, assistimos a guerras absurdas da conquista pela força, identificamos o veneno das doutrinas extremistas e perversoras, verificamos a onda pesada de sangue fraticida, nas revoluções injustificáveis, e anotamos a revivescência das perseguições inquisitórias da Idade Média, com as mais sombrias perspectivas de destruição.

Um sopro de morte atira ao mundo actual supremo cartel de desafio.

Não obstante o progresso material, sente a alma humana que sinistros vactícinios lhe pesam sobre a fronte. É que a tempestade de amargura na dolorosa transição do momento significa que o homem se mantém muito distante da Verdade e da Vida.

As lembranças do Natal, porém, na sua simplicidade, indicam à Terra o caminho da Manjedoura... Sem ele, os povos do mundo não alcançarão as fontes regeneradoras da fraternidade e da paz. Sem ele, tudo será perturbação e sofrimento nas almas, presas no turbilhão das trevas angustiosas, porque essa estrada providencial para os corações humanos é ainda o Caminho esquecido da Humildade.

(2) - A VINDA DE JESUS

A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.

Começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.

Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenómenos mediúnicos que o precederam. AS FIGURAS DE Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objecto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é

que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa-Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável.

Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, reflectem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.

Do seu divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores à sua vinda à Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da Humanidade.

Dele asseveraram os profetas de Israel, muito antes da manjedoura e do Calvário: - “Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de

nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergado ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão-de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniquidades. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve queixume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrifício. O seu túmulo passará como o de um malvado e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão-de prosperar nas suas mãos.”

EMMANUEL

(In: ANTOLOGIA MEDIÚNICA DO NATAL, psicografia de Francisco C. Xavier. Espíritos Diversos. Edição FEB. Nota: demos sequência aos dois artigos por serem do mesmo autor e estarem os dois na mesma obra).

*

MEDITAÇÕES

*Louvado seja nosso Senhor, que nos dá a aurora,
e, com ela, o florescer da videira.*

A videira simboliza Jesus, que disse “Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito

fruto; porque sem mim nada podeis fazer.” Também Ele disse: “Não se colhem uvas nos espinheiros”, onde estes simbolizam os enganadores do mundo, que com o falar fácil desviam os desavisados do caminho para a verdadeira “árvore da vida”. Estes “enganadores” não são apenas as pessoas físicas, mas também ideias, dogmas e preconceitos que adotamos muitas vezes sem questionar com a razão do: or que é assim?” Peçamos hoje a Deus que sejamos os ramos da videira, para que também nossos frutos floresçam.

*

Louvado seja Deus, nosso Senhor, que nos dá a aurora e, com ela, o desabrochar da fé inabalável

Jesus é a fonte de água viva, que sacia a nossa sede de forma completa. Tudo o que precisamos para estarmos em comunhão com Deus e com o Mestre está reunido em SDeu Evangelho Consolador. A fé que Jesus nos ensinou a desenvolver em sua “Boa Nova”, colocando em cada palavra proferida em nossas preces todo o nosso coração e a certeza da intervenção divina, é o manancial de forças para transpormos qualquer obstáculo. Lembrando que mais do que pedir, é agradecer por tudo o que recebemos.

MARCO A. STANOJEV PEREIRA

(In LIVRO DAS HORAS do Cruzeiro do Sul, Sagitarius Editora, S. Paulo, 1ª ed. 2018).

*

ORAÇÃO DO NATAL

Senhor Jesus. Há quase dois milénios estabelecias o Natal com a tua doce humildade na manjedoura, onde te festejaram todas as harmonias da natureza. Reis e pastores vieram de longe, trazendo-te ao berço pobre o testemunho de sua alegria e de seu reconhecimento. As estrelas brilharam com luz mais intensa nos fulgores do céu e uma delas destacou-se no azul do firmamento, para clarificar o suave momento de tua glória. Desde então, Senhor, o mundo inteiro, pelos séculos afora, cultivou a lembrança da tua grande noite, extraordinária de luz e de belezas diversas.

Agora, porém, as recordações do Natal são muito diversas.

Não se ouvem mais os cânticos dos pastores, nem se percebem os aromas agrestes da Natureza.

Um presepe do século XX seria certamente arranjado com electricidade, sobre uma base de bombas e de metrelhadoras, onde aquela legenda suave do “Glória in excelsis Deo” seria substituída por um apelo revolucionário dos extremismos políticos da actualidade.

As comemorações já não são as mesmas.

Os locutores de rádio falarão da tua humildade, no cume dos arranha-céus, e, depois de um programa armamentista, estranharão para os seus ouvintes, que a tua voz pudesse abençoar os pacíficos, prometendo-lhes um lugar de bem-aventurados, embora isso haja ocorrido há dois mil anos.

Numerosos escritores falarão, em suas crónicas elegantes, sobre as crianças abandonadas, estampando nos diários um conto triste, onde se exalte a célebre virtude cristã da caridade; mas, daí a momentos, fecharão a porta dos seus palacetes ao primeiro pobrezinho.

Contudo, Senhor, entre os superficialismos desta época de profundas transições, almas existem que te esperam e te amam. Tua palavra sincera e branda, doce e enérgica, lhes magnetiza os corações, na caprichosa e interminável esteira do tempo. Elas andam ocultas nas planícies da indiferença e nas montanhas de iniquidade deste mundo. Conservam, porém, consigo a mesma esperança na tua inesgotável misericórdia.

É com elas e por elas que, sob as tuas vistas amoráveis, trabalham os que partiram para o mundo das suaves revelações da Morte. É com a fé admirável de seus corações que semeamos, de novo, as tuas promessas imortais, entre os escombros de uma civilização que está agonizando, à mingua de amor.

É por essa razão que, sem nos esquecermos dos pequeninos que agrupavas em derredor da tua bondade, nos recordamos hoje, em nossa oração, das crianças grandes, que são os povos deste século de pomposas ruínas.

Tu, que és o príncipe de todas as nações e a base sagrada de todos os surtos evolutivos da vida planetária; que és a misericórdia infinita, rasgando todas as fronteiras edificadas no mundo pelas misérias humanas, reúne a tua família espiritual, sob as algemas da fraternidade e do bem que nos ensinaste!...

Em todos os recantos do orbe, há bocas que maldizem e mãos que exterminam os seus semelhantes. Os espíritos das trevas fazem chover o fogo de suas forças apocalípticas sobre as organizações terrestres, ateando o sinistro incêndio das ambições na alma de multidões alucinadas e desvalidas. Por toda a parte, assomam os falsos ídolos da impenitência do mundo e místicas políticas, saturadas do vírus das mais nefastas paixões, entornam sobre os espíritos o vinho ignominioso da Morte.

Mas, nós sabemos, Senhor, como são falazes e enganadoras as doutrinas que se afastam da seiva sagrada e eterna dos teus ensinamentos, porque dissipas misericordiosamente a confusão de todas as almas, ainda que os seus arrebatamentos se apoiem nas paixões mais generosas.

Tu, que andavas descalço pelos caminhos agrestes da Galileia, faze florescer, de novo, sobre a Terra, o encanto suave da simplicidade no trabalho, trazendo ao mundo a luz cariciosa de tua oficina de Nazaré!...

Tu, que és a essência de nossos pensamentos de verdade e de luz, sabes que todas as dores são irmãs umas das outras, bem como as esperanças que desabrocham nos corações dos teus frágeis tutelados, que vibram nos mesmos ideais, aquém ou além das linhas arbitrárias que os homens intitularam de fronteiras!

Todas as expressões da filosofia e da ciência dos séculos terrenos passaram sobre o mundo, enchendo as almas de amargosas desilusões. Numerosos sábios e numerosos políticos te ridicularizaram, desdenhando as tuas lições inesquecíveis,

mas, nós sabemos que existe uma verdade que dissimulaste aos mais inteligentes para a revelares às crianças, encontrada, aliás, por todos os homens, filhos de todas as raças, sem distinção de crenças e de pátrias, de tradições ou de família, que pratiquem a caridade em teu nome...

Pastor do rebanho de ovelhas tresmalhadas, desde o primeiro dia em que o sopro divino da vontade de Nosso Pai fez brotar a erva tenra, no imenso campo da existência terrestre, pairas acima de todos os povos e de suas transmigrações incessantes, no curso do tempo, ensinando as criaturas humanas a considerar o nada de suas inquietações, em face do dia glorioso e infinito da Eternidade!...

Agora, Senhor, que as línguas da impiedade conclamam as nações para um novo extermínio, manifesta a tua bondade, ainda uma vez, aos homens infelizes, para que compreendam, a tempo, a extensão do seu ódio e de sua perversidade.

Afasta o dragão da guerra de sobre o coração dilacerado das mães e das crianças de todos os países, curando as chagas dos que sangram de dor selvagem à beira dos caminhos.

Revela aos homens que não há outra força além da tua e que nenhuma protecção pode existir, além daquela que se constitui da segurança de tua guarda!

Ensina aos sacerdotes de todas as crenças do Globo, que falam em teu nome, o desprendimento e a renúncia dos bens efémeros da vida material, a fim de que entendam as virtudes do teu reino, que ainda não reside nas sumptuosas organizações dos Estados deste mundo!

Tu, que ressuscitaste Lázaro das sombras do sepulcro, revigora o homem moderno, no túmulo das suas vaidades apodrecidas!

Tu, que fizeste que os cegos vissem, que os mudos falassem, abre de novo os olhos rebeldes de tuas ovelhas ingratas e desenrola as línguas da verdade e do direito, que o medo paralisou, nesta hora torva de penosos testemunhos!

Senhor, desencarnados e encarnados, trabalhamos no esforço abençoado de nossa própria regeneração, para o teu serviço divino!

Nestas lembranças do Natal, recordamos a tua figura simples e suave, quando ias pelas aldeias que bordavam o espelho claro das águas do Tiberiades!... Queremos o teu amparo, Senhor, porque agora o lago de Genesaré é a corrente represada de nossas próprias lágrimas. Pensamos ainda ver-Te, quando vinhas da Cesareia de Filipe para abraçar o sorriso doce das criancinhas... De teus olhos misericordiosos e compassivos, corria uma fonte perene de esperanças divinas para todos os corações; de tua túnica humilde e clara, vinha o símbolo da paz para todos os homens do porvir e, de tuas palavras sacrossantas, vinha a luz do céu, que confunde todas as mentiras da Terra!...

Senhor, estamos reunidos em teu Natal e suplicamos a tua benção!... Somos as tuas crianças, dentro da nossa ignorância e da nossa indignância!... Apieda-te de nós e dize-nos ainda:

- “Meus filhinhos...”

HUMBERTO DE CAMPOS

(In: ANTOLOGIA MEDIÚNICA DO NATAL, Espíritos Diversos, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, 5ª ed. 2002).

*

PEDIDO A JESUS

Meu Jesus, quando um dia, pequenino e Humilde,
Desceste à Terra, para ensinar
Aos homens o Amor, a tolerância, o perdão
E a humildade, os homens
- Seres ignorantes e rudes, despreparados
Para verem em i o Messias -,
Em troca do Amor que deste ofereceram-Te
Uma cruz e no lenho rude, áspero,
- Tão áspero como as almas
Daqueles que to deram -, nele Te crucificaram,
Sem descobrirem em Ti o Irmão, o Justo, o Pastor,
... o Amor entre todos os pecadores!
- Fizeram com que partisses! Expulsaram-Te,
E ficaram mais pobres! De queda em queda,
De abismo em abismo, percorrendo o tempo
Que o calendário desfolhava
A Humanidade dispersou-se rolando para a dor,
Nas trevas que criara quando lhe prometias a Luz!
Rolou... e nas lágrimas, nas dores, nos sofrimentos,
Aprendeu a erguer-se depois... E o calendário
Desfolhou o Tempo que passou!
... E se voltasses hoje, Jesus?

Onde os teus seguidores da paz nos tumultos
Que as guerras provocam?! Onde o Amor
Que pregaste no ódio que viceja e vence?!
Onde a Tua humildade de nada veres
Nem julgares, no orgulho desmedido
Que condena sem perdão?!
. Meu Jesus, a Humanidade ainda não vê
Em Ti, o Irmão!... E olhando a Terra árida
E ressequida, mais queimada pelas máquinas,
Pela técnica... espelho dos corações egoístas
Que batem na solidão, apenas para si,
Rogamos-Te, Jesus:
- Volta de novo! Vem ser Menino outra vez!
Vem ensinar o Teu povo, outra vez... outra vez!
Afirma-nos, na Tua voz doce, no gesto meigo,
Sorriso amigo, que não nos deixaste sós!
Que vais repetir a lição
E vamos de novo ouvir-Te dizer:
- Deixai vir a Mim os pequeninos!
Deixai, que não os quero mais sozinhos!

MARIA ALICE

(Psicografia em 4/9/81)